

## O TRABALHO COMO MITO E COMO UTOPIA

Analía Sana Batista

### Resumo

O presente artigo pretende abordar, de modo crítico, a visão de Karl Marx sobre o trabalho humano. Enfatiza que a "utopia do trabalho libertário", presente no pensamento desse autor e que se 'encarna' na história dando impulso às lutas operárias durante a modernidade capitalista, reflete um modo mítico de compreensão do trabalho artesanal, pré-capitalista. O pensamento da época moderna não pode 'acessar' com o mito do "eterno retorno", pois esse tipo de procura social pelo passado corresponde, segundo alguns de seus próprios parâmetros analíticos, a sociedade tradicional. De modo que o mito do trabalho artesanal, como trabalho libertário, haverá de ser transformado em utopia, que exigirá não apenas olhar em direção ao futuro, mas lutar pela sua concreção na história.

### Palavras-chave

Trabalho. Alienação. Mito. Utopia. Sofrimento.

### WORK AS MYTH AND AS UTOPIA

#### Abstract

The following article aims to critically analyse Karl Marx's approach to human work. It sustains that the 'utopia of a liberating work', as it appears in his thought, i.e., as the embodiment of the impulse behind the proletarian struggle in capitalist modernity, reflects a mythical understanding of pre-capitalist, artisan work. Modern thought cannot offer this "eternal return of the same" as a viable possibility, as it implies, according to some of Marx's own parameters of analysis, traditional society. The myth of a libertarian artisan work, therefore, is turned into utopia, which demands not only looking towards the future, but fighting for its materialization in history.

Keywords

Work. Alienation. Myth. Utopia. Suffering.

1 Introdução

Na Europa, a constituição do modo de produção capitalista 'acenu' com a paulatina destruição do trabalho da maneira como era realizado durante a época medieval, quando os mestres artesãos e os camponeses, estes últimos denominados como "servos da gleba", eram os atores centrais da produção. Durante a expansão capitalista, a fumaça daquelas fábricas que surgiam em conflito com as corporações de ofício teria substituído, paulatinamente, a parcimónia da oficina artesanal, ao mesmo tempo em que desafiava as atividades tradicionalmente ritmadas pela natureza. O 'gesto' capitalista na produção foi interpretado como o "cúmulo da alienação", significando a expropriação dos meios de produção, do controle do processo produtivo e o estranhamento do trabalhador com relação à sua própria atividade.

A interpretação dessa época histórica estabeleceu uma linha divisória entre o passado, observado como artesanal e agrícola, e o presente, considerado fabril e urbano. Mas, o passado acabou servindo de base para uma importante construção utópica. De fato, o trabalho dos pobres nas fábricas, analisado e vivido pelos próprios trabalhadores como propiciador de uma situação de alienação, foi contrastado com um passado que, do ponto de vista da consideração da relação entre o homem e a sua atividade de trabalho, teria sido bem melhor. Assim, a "utopia do trabalho libertário", construída no bojo da modernidade, e que está presente no pensamento de K. Marx, afirma como emancipatórias algumas das características atribuídas ao trabalho durante a etapa pré-capitalista. sendo possível afirmar que o trabalho pré-capitalista ofereceu a moldura para a construção marxista dessa utopia.

Paradoxalmente, munidos desse modo de compreensão do real, os homens se lançarão a procurar, no futuro, e por meio das intrincadas lutas sociais, algumas das condições que tinham sido observadas no trabalho dos mestres de oficina e/ou dos trabalhadores do campo. Nos 'bastidores' da "utopia do trabalho libertário" é possível descobrir a inquietadora presença do desejo de retomar a um passado considerado como mais feliz, isto é, do "mito do eterno retorno". O mito do trabalho artesanal e/ou agrícola como

trabalho libertário será transformado em utopia. que exigirá. dos trabalhadores, não apenas olhar em direção ao futuro, mas também lutar pela sua manifestação/repetição na história.

Com base nos antecedentes apresentados. o presente artigo se propõe a desenvolver uma análise crítica da interpretação de K. Marx sobre o trabalho dos homens.

## 2 O mito contra a dor

O mito 'lembra' a ordem do simbólico. Considera-se que representa o conteúdo ideacional das sociedades pré-modernas. Trata-se de comunidades portadoras de um universo simbólico semeado de uma diversidade de ródotos ou arquétipos que, remetendo a uma origem sagrada ou sobrenatural. interpretam e ressignificam o comportamento social. Cada um dos atos realizados por esses conglomerados humanos evoca a repetição de um gesto 'autorizado' pelos ancestrais, heróis/deuses que ganham o status do sobrenatural.

Corno afirma Eliade (1992, p.12), "para o homem das sociedades arcaicas e tradicionais. os modelos para suas instituições e as normas para suas várias categorias de comportamento lhe teriam sido 'revelados' no começo dos tempos, e conseqüentemente, os observa como tendo uma origem sobre-humana e 'transcendental'." Para esse homem, apenas os fatos sociais 'comandados' pelos modelos ou arquétipos constituem a realidade significativa. Essa realidade evocará sempre o passado. contribuindo dessa forma para a 'abolição' do tempo histórico, já que remete a um tempo mítico que será eternamente reapresentado e ressignificado no espaço social do presente.

Isso também significa que esses homens 'pretéritos' ficavam prisioneiros das confabulações da mente. espelhadas em liames emaranhados de mitos e figuras oníricas que 'transmitiam' suas mensagens divinas aos mortais, permitindo-lhes viver num tempo a-histórico caracterizado pela repetição fenoménica e numa dimensão simbólica que agiria como um amortecedor privilegiado da dor.

No livro *O mal-estar na civilização*. Freud expõe a existência de três formas de sofrimento na vida dos indivíduos: o provocado por catástrofes naturais. o produzido pela obsolescência do corpo e pela doença c o causado pelos "outros" seres da *species*. Para Freud, as ilusões geradas

num espaço mental não submetido ao princípio de realidade agiriam como mecanismos de defesa contra o sofrimento que a história é capaz de provocar. Que seja o "mito do eterno retorno", caracterizado pela crença numa origem feliz, às vezes, em alguma 'geografia' exótica, origem que será constantemente evocada em face das experiências e vivências negativas para o coletivo e que contribuirá para a construção de uma percepção do tempo em uma dimensão cíclica, pois deve permitir retornar a um passado almejado. O mito remete a uma subjetividade do tempo calcada na circularidade e sustentada pela crença num passado que "sempre é melhor" que o presente e ao qual é preciso retornar.

Para Eliade (1992), o homem das sociedades tradicionais toma-se autônomo por meio da produção simbólica materializada na construção mítica, que lhe permite libertar-se do impasse de uma história vinculada ao sofrimento. Essa autonomia é produto do significado sagrado e fundacional que outorga a uma parte importante dos fatos da vida cotidiana. O mito, ao produzir um significado sagrado para os fatos da vida do coletivo e invocar um passado mais ou menos glorioso, comparece como um modo coletivo de suportar o sofrimento que a história é capaz de provocar. Dessa forma, a produção simbólica operaria na economia dos sofrimentos humanos.

Em artigo denominado "O tema dos três escríptos", Freud relata que os mitos "foram projetados para os céus **após** terem surgido alhures, sob condições puramente humanas". Para o autor, "o homem faz uso de sua atividade imaginativa a fim de satisfazer os desejos que a realidade não satisfaz". Quando o desejo é confrontado com o princípio de realidade que frustra sua realização, o homem distorce a realidade criando mitos, com o intuito de experimentar o sentimento de prazer que será liberado no momento da satisfação do desejo.

Para Eliade, o homem toma-se autônomo com base na sua capacidade de produção simbólica mitológica, que lhe permite, por meio da resignificação dos fatos, libertar-se do sofrimento que a história provoca. Assim, é possível pensar que a criação mitológica representa a rebelião do homem contra o reconhecimento de uma realidade que o perturba, ou que lhe impede a satisfação de um desejo, conduzindo-o ao sofrimento.

### 3 A utopia contra a dor

Para Freud, a autonomia do indivíduo está associada à consciência. A partir de um esforço analítico mediado pelo psicanalista, que gera interpretações sobre a trajetória biográfica do paciente, este se apropria de forma autônoma desses modos de compreensão da própria vida, iniciando, assim, um caminho de libertação.

Também para K. Marx os trabalhadores das fábricas deviam transcender sua condição de alienação sob o capitalismo, transformando-se num sujeito coletivo autônomo. Isso exigiria um ato de conscientização associado à práxis social, que, ao tirá-los do impasse de pertencer a uma classe por mera classificação social, ou por ocupar um lugar objetivo no espaço da produção, os colocaria numa situação de assumir sua pertença à classe, inaugurando, com essa tomada de consciência, um gesto supremo de auto-compreensão.

O sujeito de K. Marx se desfaz das 'cortinas de fumaça' da incompreensão pela sua experiência de luta num **conflito** classista que o coloca perante o impasse de uma realidade que lhe exige agir. O conhecimento do real, comandando pela compreensão do movimento histórico como rumo de emancipação/libertação, molda e fortalece sua convicção com relação a que a história dos homens deve ser comandada pelos homens e não "obstruída pelos deuses".

Na modernidade pensa-se na possibilidade de uma sociedade caracterizada pela ausência do sofrimento. Não raro, nas análises, o sofrimento aparece significado na dominação e opressão dos homens pelos homens. A opressão/dominação imediatamente anterior à expansão e consolidação do capitalismo comparece como servidão, e bem antes, como escravidão. Os 'vencedores' da época moderna (burguesia) surgem com o discurso da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Discurso esse que remete a uma concepção dos relacionamentos sociais caracterizados pela ruptura das cadeias da servidão. à construção de um princípio de identidade comum para os homens enquanto cidadãos e, finalmente, à produção de uma sociedade que seria fraterna. Tenta-se, pois, discursivamente, sinalizar uma nova época na qual o sofrimento humano será abolido e não mais ocultado/tolerado como o era no passado, com base na sua ressignificação mitológica e/ou religiosa.

A sociedade moderna, que incentiva o desenvolvimento do pensamento científico, se organizará para atacar as três fontes do sofrimento humano apontadas por Freud (sofrimento provocado por catástrofes naturais, pela obsolescência do corpo e pela **doença** e pelos "outros" seres da *species*). Desse modo, a época moderna pode ser considerada como o momento histórico em que o sofrimento coletivo deixará de ser mitologizado, já que os homens decidirão enfrentá-lo.

No discurso dos liberais e dos socialistas, a luta contra o sofrimento se metamorfoseia na busca ativa da felicidade. Para os primeiros, a felicidade dos homens viria de uma organização do *social* baseada numa visão atômica dos indivíduos, que procurarão seus próprios caminhos, impelidos pelo desejo de progresso. Para os outros, a felicidade dos homens ficaria numa sociedade onde a dominação e a opressão estariam ausentes.

A modernidade consegue trazer à discussão a dor que os homens são capazes de provocar nos próprios homens. As ciências sociais iniciarão uma submersão nos relacionamentos sociais e na alma humana. Tudo será analisado nessa procura obsessiva das fontes do mal. Darwin, com sua teoria da evolução das *species*, acabaria oferecendo uma justificativa para o exercício impiedoso da dominação. A ideologia do "darwinismo social" estabeleceu um nexos entre certos impulsos atribuídos à natureza humana e uma dinâmica econômica caracterizada pela brutal concorrência do capital. Se, de um lado, certos aspectos da natureza humana eram observados como algo factível e desejável de ser submetido a controle, de outro, aqueles impulsos identificados como propulsores da evolução foram analisados como os motores do progresso. De modo que alguns conhecimentos, mais que constituir degraus na luta contra o sofrimento dos homens, vieram para justificar essa dor intersubjetivamente **infligida**, enfatizando a cientificidade das descobertas que, em parte, tomavam o 'mal' imprescindível para o **desenvolvimento** das sociedades.

Mas também a sociedade moderna tentou enfrentar os três tipos de sofrimento mencionados por Freud utilizando o arsenal científico à disposição. Hoje, por exemplo, monitoram-se passíveis catástrofes naturais, embora não possam ser sempre evitadas. A vida humana pode prolongar-se. A obsolescência do corpo é administrada: partes podem ser trocadas, as rugas podem ser eliminadas, os músculos malhados, enfim, é possível a defesa (pelo menos por algum tempo) em face do sofrimento

provocado pela decadência física. Finalmente, talvez o homem tenha conseguido menos sucesso em evitar o sofrimento que os "outros" provocam.

O homem moderno poderá ser pensado como o sujeito que se rebela em face dos amortecedores mitológicos do sofrimento humano. Na modernidade, pretende-se a destruição das velhas significações, consideradas 'mantos' destinados a ocultar uma realidade que precisa ser conhecida cientificamente, para poder lançar as sociedades ao futuro. Trata-se não apenas de analisar a história, mas de prometer construí-la de um outro modo, para poder superar o sofrimento.

Na modernidade, impõe-se a necessidade de expandir o espaço social do profano, que se tomará hegemônico numa sociedade obrigada ao progresso. Os traços mitológicos, presentes nas socialidades, devem ser destruídos, considerados ressaibos da tradição obscurantista que minou a Europa antes do que se considera como "o destelho orientador" da ciência e da indústria.

O homem da sociedade moderna será lido como um ser autônomo, na medida em que se desfaz das cadeias do sagrado submetido a constante repetição e deixa de abolir o tempo histórico. A "negação da história" se transformará na sua afirmação e o sofrimento provocado pelos "outros" poderá ser talvez superado num caminho de emancipação. A consciência e a liberdade serão consideradas as dimensões fundamentais desse indivíduo moderno. Elas também serão perseguidas nas lutas sociais e individuais pela obtenção do autoconhecimento e da autocompreensão.

Desse modo, a razão humana desencantadora do mundo emerge como o mito que pretende inaugurar a busca de uma verdade que não será mais revelada ou mitológica. Essa verdade pretende ser o 'outro' do mito, porém, acaba se constituindo a partir de um laço idêntico. Na mão dos racionalistas, a razão clama pela fé. A fé torna-se necessária quando a própria razão, interpellando o real, destrói a possibilidade da crença. A fé, que é produto da razão, é também uma necessidade para sua existência.

O indivíduo moderno, guiado pela bússola de uma razão científica interessada em ocultar sua dimensão axiológica, e que se afirma como uma poderosa ferramenta orientada ao desencantamento do mundo, acaba ressignificando e, sobretudo, universalizando o mito, que 'contamina' a própria razão científica, destruindo-a. paradoxalmente, a desmoralizá-lo e a destruí-lo. Mas, a modernidade, mais que destruir o mito, haverá de

ressignificá-lo. Nessa resignificação poderá ainda invocar com veemência o passado, situando-o agora com base na percepção/concepção linear do tempo, num lugar denominado "futuro",

Na medida em que a sociedade abandona as crenças sobre suas origens míticas/sagradas, e o 'manto' do profano a 'arrasta' para a evolução histórica, poderá surgir uma utopia social, que será perseguida do mesmo modo que a satisfação do desejo e da ilusão.

Essa utopia necessitava "do combustível da fúria e do ódio que o sofrimento histórico dos homens é capaz de acumular em cada nova geração", mobilizando-os para buscar a diminuição desse sofrimento. Por isso, "a classe trabalhadora não devera ser a redentora das gerações futuras, pois nessa projeção a classe desaprende tanto o ódio quanto o espírito de sacrifício. Pois ambos se alimentam da imagem dos antepassados **oprimidos**, não do ideal do anjo liberto" (BENJAMIN, 1991, p. 162).

Para Mariategui (1982, p. 412),

la razón ha extirpado dei alma de la civilización burguesa los residuos de sus antiguos mitos. El hombre occidental ha colocado, durante algún tiempo, en el retablo de los dioses muertos, a la Razón y a la Ciencia. Pero ni la razón ni la ciencia pueden satisfacer toda la necesidad de infinito que hay en el hombre. La propia Razón se ha encargado de demostrar a los hombres que ella no basta. Que únicamente el Mito posee la preciosa virtud de llenar su yo profundo. (...) el hombre es un animal metafísico. No se vive fecundamente sin una concepción metafísica de la vida. El mito mueve al hombre en la historia. Sin un mito la existencia dei hombre no tiene ningún sentido histórico. La historia la hacen los hombres poseídos e iluminados por una creencia superior, por una esperanza super-humana.

A força do mito não pode ser eliminada do imaginário social da espécie. O Mito retoma resignificando uma diversidade de situações, permitindo que a infelicidade social encontre algum tipo de consolo. Isto

significa que, apesar da prepotência desmistificadora da época moderna, o mito permanecerá. O mito, por ser uma possível defesa do coletivo em face do sofrimento histórico, reaparecerá em conteúdos utópicos que agirão como poderosas forças capazes de outorgar impulso à mudança social. É a crença na possibilidade de mudar a sociedade que agirá agora como amortecedor privilegiado da dor.

#### 4 A época do capitalismo

K. Marx mostra que, a partir do século XIV, o sistema feudal fenecia e a decadência de suas formas "puras" se alastrava pela Europa. Guerras feudais/tribais empobreciam a pobreza. Uma incipiente noção de rentabilidade estava presente nos donos dos feudos, levando-os a empuxar os servos da gleba além dos limites das terras, para substituí-los, cada vez mais, por "homens pastoris" dedicados à observância de rebanhos de abundante lã. Uma igreja atemorizada e atemorizante era destituída de seu papel de comando e submissão dos povos, e suas terras eram espalhadas na revenda, arrastando as **famílias** camponesas para a mendicância ou para a indigência.

Mas, de forma paralela aos sinais que **anunciavam** o fim de uma época, erguiam-se novas procuras. Os oceanos desafiavam a "ansiedade de futuro" dos homens. A terra era um horizonte de sentido inexplorado. Ambição e abertura ao mundo haveriam de promover violentos encontros culturais. Às vezes os mortais eram confundidos com deuses. O incremento do comércio ultramarino permitiu uma acumulação primitiva de capital, sustentada pela possibilidade da escassez e da rapina. Do "além do mar" (política colonialista) chegou a força propulsora para a instauração de um novo modo de produção que influenciaria na composição de uma mistificada imagem sobre o trabalho.

As forças do novo impulso econômico foram, cada vez mais, autorizando o desenvolvimento de formas diferentes de consciência social. Na modernidade, desafiavam-se as prescrições estabelecidas pelos dominantes. A noção de verdade acordaria de um letargo medieval que a fazia nascer "das entranhas dos discursos" dos seguidores (discípulos) de uma "errática figura que pendia de um crucifixo". Essa verdade emergia como revelação que apenas um grupo de homens poderia possuir e espalhar. Escolhidos pelas "soezes circunstâncias" para a contemplação, o

martírio e o celibato. o eram também para o exercícto mais ou menos perverso do poder, Mas os "homens extraordinários" (iluministas) não se intimidavam com as limitações impostas aos homens pelos homens. Exploradores de cavernas platónicas esforçavam-se por abandonar o mundo ideal e proclamavam a urgência da observação do real.

Inicialmente, de uma forma ou de outra, pagaram caro por isso. Mas eram, metaforicamente falando, os "anjos que anunciavam o apocalipse". De modo que esses homens treinados na "arte da desconfiança" propunham um novo status para a verdade, que a partir daí seria primordialmente científica.

A modernidade, que pode ser compreendida como instituidora de uma nova forma de consciência social, "corroía o cérebro dos homens", levando-os a uma pretensão de controle da natureza, inclusive da própria. Cada vez menos os homens pareciam destinados a aceitar seu 'destino', A consciência sobre a posse de um instrumento denominado 'razão' haveria de tomá-los temerários e menos dispostos à aceitação. Procuraram auto-analisar-se espartejando corpos e mentes,

#### 4.1. O trabalho dos homens

Numa bela passagem de sua obra. Benjamin (1991, P: 156) expressa que:

para o materialista histórico trata-se de fixar uma imagem do passado como ela inesperadamente se articula para o sujeito histórico num instante de penço. O perigo ameaça tanto os componentes da tradição quanto os seus receptores. A cada época é preciso sempre de **NOVO** tentar o que foi transmitido do conformismo que ameaça subjugar-la. Por isso, Messias não **vem** apenas como o Salvador; ele vem como o vencedor do anticristo. Captar no pretérito a centelha da esperança só é dado ao historiador que estiver convicto do seguinte: se o inimigo vencer, nem mesmo os monos estarão a salvo dele. E esse inimigo não parou de **vencer**.

O materialismo histórico e dialético é portador de uma escolha na compreensão do social, destinada a identificar o momento da emancipação na análise do acontecer histórico. Entre uma variedade de fenômenos, *prima fade*, caóticos, 'recorta' aquele destelho de transformação, compreendendo a história como o desenrolar do conflito social. Sob o capitalismo, o momento de emancipação dos trabalhadores significa o abandono, com base na práxis, da alienação política que está presente no mundo da produção. As lutas sociais conduzem à conscientização e à construção da identidade de classe. Esse processo recuperará os átomos-indivíduos tidos pelos que mandam (e auto-identificados) como pobres e miseráveis, reunindo-os num grupo de pertença com interesses diferentes dos outros grupos. O momento de produção da consciência implica o abandono de uma situação de heteronomia e a possibilidade de autonomia do sujeito coletivo.

O trabalho humano começou a ser ressignificado no otimista contexto da modernidade. Partindo da realidade do trabalho, tal como acontecia sob o "impacto triturador" da revolução industrial no sistema de fábrica, o que fora denominado de "trabalho alienado", um profícuo descendente da burguesia, chamado Karl Marx, 'contaminado' pela filosofia iluminista que fora vitoriosa durante o século XVIII, estabeleceu um nexu quase indestrutível entre o trabalho, a consciência e a autonomia do sujeito. Buscava demonstrar tudo o que o trabalho alienado sob o sistema de produção capitalista tinha expropriado ao homem, deixando-o num estado de natureza animal que contrastava com sua pertença à espécie humana.

A utopia do trabalho libertário, presente no pensamento de K. Marx, funda-se numa concepção filosófica de homem derivada do Iluminismo, que considera o homem moderno dotado de consciência e de liberdade. A consciência é entendida como auto-compreensão e compreensão desmistificada do mundo, a liberdade, como a expressão da autonomia do sujeito. Para K. Marx (1983, p. 156), "a vida produtiva é a vida do gênero. É a vida engendradora da vida. No tipo de atividade vital jaz o caráter inteiro de uma *specíes*, o seu caráter genérico e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem". Ou, num outro trecho "O homem faz de sua atividade vital mesma um objeto de seu querer e de sua consciência."

Marx distinguirá entre a atividade de trabalho dirigida à satisfação de necessidades físicas e a atividade de trabalho que se realiza livre dessas necessidades. E, mais ainda, afirma que o homem só produz quando se liberta das necessidades físicas. A produtividade do homem aparece assim como para "além da necessidade", pondo em evidência uma espécie de "pulsão por gerar". Para o autor, o trabalho realmente produtivo será **aquele** finalmente liberto da necessidade de realizá-lo para a satisfação das necessidades de reprodução da vida humana. Ele afirma que é "claro que o animal também produz [...]. só que produz apenas o que precisa imediatamente para si e o seu filhote; produz unilateralmente, produz apenas sob o domínio da necessidade física imediata, ao passo que o homem produz mesmo livre da necessidade física e só produz, verdadeiramente, sendo **livre** da mesma".

Isso significa que a verdadeira humanidade do homem se revela no momento em que consegue **libertar-se** das necessidades que o equiparam às outras *species* do reino animal. O homem só produz quando se liberta das misérias e necessidades de sua natureza animal; quando produz sem a tirania dos instintos **vitais** ou quando estes instintos foram finalmente satisfeitos ou submetidos a um controle que os tornou incapazes de direcionar o processo de produção para sua própria satisfação.

No pensamento de K. Marx, a própria atividade de trabalho, concebida como unidade da concepção e da execução, foi objeto de uma análise que a decompôs em suas partes significativas, partes que se "espalhadas ao vento" (divisão social do trabalho), tal como o fez o sistema capitalista. haveriam de "puxar eternamente" para voltar a reunir-se. Cada parte necessariamente expressaria uma polaridade nostálgica da outra. Tem-se, assim, uma forma de compreensão do trabalho dos homens como atividade que se expressa num plano e numa ação. Em uma dimensão intelectual e em uma outra manual. Momentos fartos de interações e de movimentos pendulares, destinados à objetivação de um mundo enfaticamente humano, O controle sobre o processo de trabalho, a posse das ferramentas e o orgulho pelo trabalho realizado completam o cenário de compreensão de uma atividade destinada a produzir, reproduzir e transformar homens e geografias.

Pode-se afirmar que "o manto sagrado da razão" caiu sobre o trabalho no mesmo instante em que o fez a "maldição" das mercadorias. O trabalho sob o capitalismo viria a ser denunciado como um evento

heterônomo, devido às prescrições de homens decididos a submetê-lo a objetivos, modos, ritmos e cadências interesseiras.

O trabalho concebido como atividade que ocorre, no geral, em um contexto de heteronomia. permitirá também a produção dos denominados "bens culturais", Bens que, segundo Benjamin (1991, p. 157), "sem exceção (têm] uma origem que ele (o materialista histórico) não pode rememorar sem horror", pois "devem sua existência não só aos esforços de grandes gênios que os produziram, mas também à anônima servidão dos seus contemporâneos. Não há documento de cultura que não seja ao mesmo tempo um documento da barbárie."

O trabalho sob o capitalismo, observado como atividade heterônoma. isto é, claudicante de consciência e de autonomia, terá que responder pela satisfação das necessidades do sistema capitalista (valor de troca) e pela satisfação das necessidades físicas dos trabalhadores (valor de uso).

Entende-se que aqueles cenários de atividades de trabalho contidas nas amuralhadas e aprazíveis eras medievais e nos verdes vales do entorno foram corrompidos pelo desenvolvimento de um novo modo de produção cujos interesses e desejos seriam puxados pela mercadoria. A 'negação' do trabalho artesanal e agrícola sob o capitalismo teria sido o primeiro gesto que permitiu uma representação social essencialista sobre o trabalho humano, baseada em algumas das características do trabalho observadas nas sociedades pré-capitalistas. Em sua essência, o trabalho foi representado como "o outro" da alienação que o presente construía. isto é. o trabalho, considerado como a atividade própria dos homens da *species*, foi adquirindo, cada vez mais, o significado de liberdade. consciência e autonomia.

O passado pré-capitalista, verdade ou ficção, ou uma mistura de ambos, tomou-se uma referência para entender a mudança histórica. O agricultor e o artesão se metamorfosearão, devido à força dessa mudança. nos sujeitos e seus trabalhadores das fábricas. Foi a produção capitalista. com sua ambição de submeter a disciplinamento e controle a mente e o corpo dos homens. que nos fez conhecer e reconhecer as bênçãos do trabalho (liberdade e autonomia) e a maldição do antitrabalho (alienação do trabalho), Nesse contexto, o trabalho do camponês ritmado pela natureza e o cadenciado trabalho do mestre artesão colaborarão para a produção de um profícuo mito sobre o trabalho humano.

Nos *Manuscritos económico-filosóficos*. Marx afirma que o trabalho tem suas próprias necessidades. tanto é que ele precisa de meios de vida. de objetos sobre os quais possa se efetivar; a natureza é o meio de vida do trabalho tanto quanto a natureza oferece os meios de subsistência física do **trabalhador**. O homem sobrevive da natureza inorgânica. igual que o animal, mas o homem é mais universal que o animal na medida em que habita, como espécie, a terra toda. Por isso, o âmbito da natureza inorgânica da qual vive é o universo. Marx traça um paralelo entre a natureza inorgânica que é universal e o próprio homem. Para Marx. a universalidade do homem se deve a que ele faz da natureza inteira (universal) seu corpo inorgânico. A natureza inorgânica é a matéria. o objeto e o instrumento de sua atividade,

De modo que o homem possui dois corpos, um orgânico e outro inorgânico. este último é a natureza na medida em que ela não é corpo humano. A vida física e mental do homem está interligada à natureza, isto é, consigo mesma, porque o homem também é parte da natureza. O homem é natureza mas tem um corpo orgânico que o distingue da natureza e um corpo inorgânico que o identifica com a natureza (contradição e identidade).

A seguir. três situações diferentes serão discutidas com o intuito de sintetizar a visão de K. Marx sobre o trabalho humano : as "necessidades do sistema capitalista"; as "necessidades humanas" ligadas à subsistência. às quais estamos submetidos assim como as outras espécies; e a produção humana não ligada à subsistência *stricto sensu*, ou seja. ao físico/orgânico.

É possível observar que, para Marx, o homem torna-se produtivo quando consegue abandonar o "reino da necessidade". Sob o capitalismo, essa possibilidade vê-se restringida devido ao objetivo que comanda a produção e que permite a reprodução ampliada do sistema: a produção dos valores de troca. Na luta "contra o capital" o homem precisa reconquistar o objetivo da produção humana que é a capacidade de satisfazer as necessidades de reprodução da *species*, isto é. de produzir valores de uso. Seguindo Marx. esse seria o caminho para libertar o trabalho das amarras do capital.

Arendt mostra que. na antiguidade clássica, a atividade de trabalho que permitia a mera reprodução da vida era considerada uma atividade menor, que devia ser realizada pelos escravos, ficando os homens

considerados livres prontos para a realização de outras atividades mais elevadas. condizentes com sua pertença à *species* humana.

Na modernidade. o trabalho como atividade que possibilita a satisfação das necessidades dos homens, ou, como diz Marx, a produção de valores de uso. aparece primeiro com um valor positivo, na medida em que se contrapõe ao trabalho alienado direcionado pelos objetivos, tempos e cadências do sistema capitalista.

Inicialmente. o capitalismo limitou a possibilidade de satisfação das necessidades que permitiam a reprodução física da *species*. É necessário lembrar. por exemplo. as epidemias de fome registradas durante a revolução industrial inglesa. O capitalismo acabou transformando o elemento produtivo humano num modo de produzir e reproduzir mercadorias destinadas a dinamizar a troca e a criar e recriar necessidades humanas constantemente ampliadas. Esta necessidade imperiosa do sistema econômico acabou tomando secundário o fim também premente de reprodução da vida da espécie. A satisfação das necessidades do sistema e a satisfação das necessidades humanas vitais nem sempre exigem os mesmos esforços e orientações. Não se perdoa que minguem a vitalidade do sistema. A vitalidade dos homens pode ser sacrificada.

A análise marxista em parte atrelou a discussão sobre o trabalho humano a um problema de escolha teleológica. Trabalhar para produzir valores de troca denunciaria a presença da alienação do trabalho. Já a produção de valores de uso retrataria simplesmente uma atividade de trabalho destinada à satisfação das necessidades humanas. Mas. tanto em um caso como em outro, a atividade de trabalho não consegue abandonar o território das necessidades de reprodução (dos homens e do sistema).

Para Marx, o trabalho humano é atividade comandada por um plano e que se expressa numa ação. É unidade de planejamento e de execução. que demanda autonomia e controle sobre o objetivo, os modos operatórios, os ritmos e cadências. A alienação do trabalho sob o capitalismo resulta na expropriação dos controles exercidos pelo trabalhador e na sua re colocação nas mãos dos capitalistas, no marco de um processo de trabalho que será definido a partir da subsunção formal e real do trabalho no capital.

A heresia consagra-se como parte de um processo expropriador que tira das mãos do coletivo a atividade de trabalho para colocá-la nas mãos dos capitalistas privados. Esse movimento indica o rumo de uma atividade econômica dirigida à produção de valores de troca que irão tomando

alienado o processo de produção de valores de uso destinados a satisfazer as necessidades humanas. Isto significa que Marx mostra preocupação com o fato dos homens terem sido alienados de sua capacidade de gerar valores de uso, consagrando sua energia produtiva à geração de valores de troca que sustentarão a vida do sistema económico.

Mas, no marco da produção capitalista, no mesmo momento em que o homem produz valores de troca, sob o comando e as prescrições dos 'outros', gera a possibilidade de sua própria sobrevivência. Isto se lhe é permitido participar desse 'festim' como membro integrado da sociedade da produção e do consumo. Pois poderá acontecer de ele ficar fora da ordem da economia e da possibilidade de exploração, com o que experimentará a frustração de não poder satisfazer suas necessidades vitais.

Para Marx, a socialização dos meios de produção e subsistência, quando da passagem do capitalismo para o socialismo, abriria a possibilidade de quebrar a alienação do trabalho, devolvendo o controle do processo produtivo aos trabalhadores. O trabalho destinado à produção de valores de uso viria a tomar o lugar do trabalho destinado à produção dos valores de troca. O homem ficaria assim atrelado ao mundo das necessidades e o *habitat* do homem seria orientado pelo objetivo da reprodução da *species* em seu mais alto grau de satisfação das necessidades prementes dos homens.

A retomada do controle sobre o trabalho e o processo de trabalho pelos trabalhadores anuncia, para Marx, que eles definirão o objetivo da produção, que comandarão as formas de cooperação. que se reapropriarão do que lhes foi tirado pela história. Constituirá esta, pois, a ante-sala para a realização de um trabalho libertado finalmente da satisfação das necessidades de reprodução?

Para Marx o homem produz para satisfazer suas necessidades físicas, mas o homem que realmente produz e que consegue objetivar o mundo humano é aquele que se libertou do reino da necessidade. A libertação do reino da necessidade é precedida pela subsunção do trabalho no capital, etapa necessária na construção de condições objetivas que possibilitarão a construção de uma sociedade que permitirá que os homens dediquem o mínimo do tempo de suas vidas à atividade de trabalho destinada à geração de valores de uso, libertando-os para a realização de uma diversidade de atividades.

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos* Marx considera a atividade de trabalho de produção como superior à atividade de trabalho destinada à satisfação das necessidades humanas. Mas na análise do capitalismo, como por exemplo em 'A chamada acumulação primitiva de capital', reduz a análise sobre o trabalho ao problema da produção de valores de uso e de valores de troca e, sobretudo, à problemática do controle sobre o processo de trabalho, o qual permitiria o comando obreiro da produção dos valores de uso.

O redirecionamento dos objetivos da produção capitalista exigiria evidentemente a expropriação dos meios de produção e subsistência, com a retomada obreira do controle sobre todo o processo de trabalho. Mas os trabalhadores historicamente têm lutado pela reapropriação do controle do processo produtivo em sociedades caracterizadas pela propriedade privada capitalista. As lutas dos trabalhadores têm se encaminhado ou a conservar o comando da produção, como na etapa pré-taylorista nos Estados Unidos, ou a brigar no espaço da produção pela retomada do controle sobre o trabalho ou para impedir o aprofundamento da alienação no marco do processo de subsunção do trabalho no capital.

Os objetivos da produção capitalista, que orientam a vida humana, habitam como desejos a mente dos homens. Os homens lutam para se libertar das prescrições dos outros no momento de realização das atividades destinadas à reprodução da existência e dos valores de troca. Tentam recuperar o controle sobre suas atividades, buscando superar, desse modo, um nível de alienação.

A utopia do trabalho libertário, que tem sustentado suas lutas, acaba exercendo o papel do mito que constrói inverdades que tornam tolerável o sofrimento histórico. Evidentemente, maior controle sobre o processo de trabalho significará apenas fugir das prescrições dos outros, mas a grande prescrição, aquela que acabou afogando a modernidade caracterizada pelos valores emancipatórios, no capitalismo, permanecerá assim mesmo intocada.

O mito que se instaura sobre a crença de uma atividade concebida como libertadora e significadora denuncia a permanência da crença num tempo cíclico, num passado de atividade de trabalho que é invocado como eterno retorno. Essa representação mítica/cíclica do tempo é a força subjetiva que impulsionará as lutas contra o antitrabalho. A crença na possibilidade de 'regressar' a uma situação de trabalho libertadora funda a

origem mítica do trabalho. O trabalho artesanal e o trabalho rural de um trabalhador concebido como seu próprio palrão ficaram espelhando uma perda. A perda, a angústia e a nostalgia pela perda contribuíram para a produção de um mito sobre a atividade de trabalho.

Vê-se assim, como já notara Arendt, que a atividade de trabalho/labor destinada a garantir a sobrevivência humana com base na posse dos instrumentos de trabalho e do saber-fazer tinha para Marx um valor positivo. O valor negativo da atividade de trabalho aparece em Marx no momento em que a atividade de trabalho/labor é tirada de seu letargo de servir para a reprodução da vida humana e colocada num outro nível, como reprodutora e ampliadora da sociedade que produz mercadorias. O valor de uso da mercadoria irá cada vez mais a ser subsumido pela atividade destinada à produção de valores de troca. A sociedade capitalista tomou a sobrevivência humana cada vez mais complexa ao criar e recriar novas necessidades, atrelando desse modo as possibilidades de sobrevivência à produção de valores de troca.

Na análise sobre o trabalho dos homens, Arendt (1997) apresenta dois tipos de atividade: o *labor* e o trabalho. O *labor* é a atividade orientada pela necessidade e futilidade do processo biológico, do qual deriva e que o impele. É a atividade que os homens compartilham com os animais e que espelha a necessidade de uma vida que se reproduz a si mesma. O trabalho, ao contrário do *labor*, não está necessariamente contido no ciclo vital da *species*. Através do trabalho o homem produz o "artifício humano". Esse mundo humano, com todos os artefatos que o constituem, serve para outorgar estabilidade à vida dos homens.

Afirma Arendt (1997, p. 152) que o homem "só pode construir **um** mundo humano após destruir parte da natureza criada por Deus". Para a autora, "a sensação desta violência é a mais elementar sensação da força humana e, portanto, o exato oposto do esforço doloroso e exaustivo experimentado no simples labor" (1997, p. 153). O trabalho pode

produzir no homem a satisfação e a segurança de si mesmo, e até mesmo enchê-lo de confiança durante toda a vida – coisas estas todas elas bem diferentes da bem-aventurança que pode advir de uma existência dedicada ao *labor* e às lides da vida, ou do próprio prazer de laborar, que é

passageiro mas intenso, e que resulta quando o esforço é coordenado e rítmico, essencialmente equivalente ao prazer provocado por outros movimentos ritmicos do corpo. Quase todas as descrições da 'alegria de trabalhar' - quando não são tardios reflexos do contentamento com a vida e a morte descrito na Bíblia, nem apenas confundem o orgulho de haver cumprido uma tarefa com a alegria de realiza-la - têm a ver com a exultação sentida no exercício violento de uma força com a qual o homem se mede contra as forças devastadoras da natureza e que, através da astúcia com que inventou as ferramentas, sabe multiplicar muito além de sua medida natural. A solidez do mundo resulta desta força, e não do prazer ou da exaustão que o homem sente quando provê o próprio sustento "com o suor de seu rosto (ARENDDT, 1997, p. 153).

Prazer e exaustão estariam para a autora associados ao *labor* e derivariam de um certo conteúdo moral 'aderido' ao esforço do homem na procura do próprio sustento, como consagração do mandato divino enunciado como expiação. O orgulho, a exultação e a confiança em si mesmo são sentimentos associados ao trabalho, e traduzem o momento em que o homem mede suas forças com as da natureza. utilizando sua inteligência a fim de mostrar sua superioridade.

### **Palavras finais**

O que veio primeiro, o trabalho ou o antitrabalho? Há o costume de contrapor essa atividade c sua negação. Desde essa ribeira. considera-se que primeiro foi o trabalho, isto é, a produção histórica de uma atividade caracterizada pela ausência da alienação; logo. veio o trabalho alienado, a **antítese** de uma primeira afirmação. A negação da negação inaugurara uma **época** destinada a libertar os homens tanto da produção dos valores de troca quanto do reino da necessidade.

Nessa visão, gerada por subjetividades afetadas por uma concepção do tempo caudatária, simultaneamente, da ciclicidade tradicional e do utopismo progressista moderno, autoriza-se tanto o nascimento de um mito fundacional sobre a atividade de trabalho humana, quanto de uma utopia. O trabalho libertário, associado ao trabalho pré-capitalista, pode ser também um vir a ser, um desejo localizado agora no futuro, construído pela modernidade.

O processo que levou ao desenvolvimento do modo de produção capitalista haveria de gerar, nas confusas mentes dos contemporâneos da mudança, uma representação radical sobre o passado e o devir: a tradição e a modernidade. Ao passado identificado com a tradição, contrapõe-se o futuro comandado pela modernidade.

A percepção sobre a inevitabilidade da mudança histórica e a urgência, então, de abandonar o passado, corrompia a possibilidade de admitir as continuidades entre as duas épocas. Foram criados termos para falar da nova época e assim foi construída a utopia do trabalho livre, concebida como uma espécie de sonho localizado num lugar mencionado como futuro. Mas, o mito do trabalho livre e a utopia do trabalho livre terão suas intimidades, porque o passado e o futuro virão finalmente a se espelhar nas mentes e práticas dos homens. A força do mito do trabalho livre perdido comandará as lutas dos homens pela redenção final do trabalho como utopia, num tempo histórico caracterizado pela idéia de progresso.

Significados pela força do mito e pelo ímã da utopia, ficaram o trabalho e sua negação entrelaçados numa dialética histórica e cotidiana. Ele não é uma posse, antes bem é nostalgia e desejo, mito e utopia, atividade que se mostra e esconde o tempo todo. O trabalho se compreende quando está ausente. Ele é o outro da alienação. Na ação que se expressa na atividade de trabalho, homens e mulheres geram tanto quanto negam a dominação e a opressão. O trabalho é, pois, essa simultaneidade contraditória. Duplamente mistificado, aparece como mito do eterno retorno ou como utopia futurista. No processo histórico fixa-se a tensão dialética de um trabalho que se alinha e se nega, que exalta e degrada, que oprime e liberta.

Um mito capaz de produzir a consciência do sofrimento e a força para ir muito além do sofrimento. Há o mito, há a utopia e há a dialética. O trabalho humano é, assim, num mesmo movimento, trabalho e antitrabalho,

expressos num trânsito histórico estilizado por esforços de produção dirigidos às mercadorias, que impulsionam a prescrição ou controle do trabalho dos trabalhadores, e por esforços de contribuição que se colam pelos interstícios das prescrições.

#### Referências

- BENJAMIN, W. 1991. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: *Sociologia*. 2. ed. Org. e tradução de F. Kothe. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_. 1991. Teses sobre a filosofia da história. In: *Sociologia*. 2. ed. Org. e tradução de F. Kothe. São Paulo: Ática.
- FREUD, S. O tema dos três escritórios. In: *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. v. XII.
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXI.
- MARIÁTEGUI, J. C. 1982. *Obras*. Selección Francisco Baeza. La Habana: Casa de las Américas. v. 1. (Colección Pensamiento de Nuestra América).
- MARX, K. 1983. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. Manuscritos econômico-filosóficos de 1844. In: FERNANDES, F. (Org.). *Marx/Engels: História*. São Paulo: Ática.
- MIRCEA, Eliade. 1992. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo.